A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

A CASA DOS BICOS EM LISOBA

CHRONICA

A' mesma hora em que toda a Lisboa elegante se preparava para ir ouvir a Borghi, n'uma anciedade febril, cobrindo-se com amplas *sorties de bal* rescendendo a feno, e enovelando-se no fundo escuro dos seus landós tepidos como ninhos de rolas, recebia-se nas redacções dos jornaes diarios este pavoroso telegramma, d'um laconismo verdadeiramente esmagador:

«Grande desastre. Abateu a ponte internacional do rio Sever, entre Marvão e Valencia, na occasião em que passava o comboio vindo de Hespanha. Ha passageiros mortos e muitos feridos. O comboio foi todo ao rio.»

A triste noticia d'esta medonha hecatombe espalhou-se logo por todos os clubs, por todos os centros, por todos os cafés onde a ociosidade indigena se recreia em palestras digestivas, depois de saborear o *menú* quotidiano e de palitar a dentadura cariada.

Mas era muito tarde já para desatar em oh! oh! de commoção e de espanto. S. Carlos começava a resplandecer vivamente, banhando a sua fachada em ondas de luz festiva, que as brisas da noite agitavam de longe em longe, n'um balanceamento suave. No palco vastissimo havia um borborinho desusado e estranho. Coristas irrequietas ensaiavam a voz, cansada de tanto repouso, n'umas escalas chromaticas sonoras e vibrantes. Mephistopheles preparava-se para arengar aos anjos, do alto do seu throno de nuvens, e os musicos iam apparecendo na orchestra, graves e solemnes, esticados nas suas casacas pretas dos grandes actos, muito secios nos alvos peitilhos das suas camisas domingueiras.

Mordida pela curiosidade d'ouvir o *spartito* de Boito, Lisboa não teve tempo para se commover diante do telegramma pavoroso.—Quem morreu que se enterre! disse ella, a egoista, encolhendo os hombros n'um gesto de desdem cynicamente brutal. A'manhã pensarei no caso, e verei então se posso enternecer-me...

Fallou, pouco mais ou menos assim, a bohemia Lisboa, ingerio a largos sorvos o café que fumegava nas taças, vestiu-se á pressa, atirou comsigo, muito despreoccupadamente, para os almofadões capitonados das suas carruagens opulentas, e foi ouvir o *Mephistopheles* e foi ver a Borghi-Mamo.

Porque a Borghi — digamol-o de passagem — era a grande attracção da noite inaugural de S. Carlos, não a Borghi solteira e livre como os rouxinoes, seus rivaes, que nós conhecemos em epocas passadas, escudada apenas pela egide materna, mas a Borghi sem a corôa de flor de larangeira, preza por laços bem apertados á columna do matrimonio; a Borghi feita esposa e mãe de familia; a Borghi que dá netos á outra Borghi que lhe deu o ser.

A diva de hontem, risonha como uma aurora primaveral, e ingenua como uma educanda de convento, com toda a pureza castissima dos lyrios e das açucenas, transformou-se, mercê do amor e da Santa Madre Egreja, n'uma dama grave e séria, de movimentos pautados, ares solemnes e gestos commedidos d'irmã hospitaleira. Já não póde aventurar—*mater familias* respeitavel e veneranda—aquellas graciosissimas infantilidades, que faziam d'ella, aos vinte e oito annos, uma creança adoravel, toda meiguice na voz, no olhar, no aperto de mão offerecido, no *bon mot* encantador trocado com os nossos madrigaes. Hoje, o casamento impertigou-lhe o busto e amorteceu-lhe nos labios o brilho d'aquelle sorriso de *bébé* traquinas. A alliança nupcial, que se lhe enrosca no annular afusado e setinoso, recorda-lhe a cada momento que se operou n'ella uma profunda metamorphose; que já não póde louquejar nem rir como creança; que está a dois passos d'uma *corbeille* de nupcias e a um passo d'uma *corbeille* de baptisado; que á sahida de S. Carlos, depois de ser alvo de ovações calorosas, póde muito bem ter que ir debruçar-se sobre um berço, cantarolando a meia voz, na penumbra da alcova, sem acompanhamento de orchestra, a dôce ballada das mães:

> Quem tem meninos pequenos,
> por força lhe ha de cantar...

Era esta metamorphose que o indigena queria vêr pelos seus proprios olhos, e foi vêl-a, sem se importar com a catastrophe da ponte do Sever, sem consagrar uma palavra enternecida ás victimas do sinistro.

Antes de subir o panno, trocavam-se no salão, pelos camarotes e pelos *fauteils*, interrogações curiosas, levemente abrejeiradas, sobre se a voz da Borghi teria diminuido de intensidade depois do matrimonio.

Que as cantoras não deviam casar-se, dizia um, indignado. Era uma expoliação feita á Arte, uma pouca vergonha, um desaforo inaudito.

Outro aventava a ideia de que devia impôr-se o celibato ás *primas-donnas* até aos quarenta annos.

Um terceiro narrava casos de aphonia completa produzida pelo casamento.

—E depois, os filhos! perorava a viscondessa de L.., assestando o *lorgnon* sobre uma *cocotte* vestida de setim *rose-pâle*, que entrava n'aquelle momento e que depunha a capa forrada de pelle de lontra no espaldar do *fauteuil*. Vejam a Sembrich... dizem-me que já não dá o si bemol no registro agudo, desde que é mãe!

Este tiroteio de ditos mais ou menos apimentados, com umas reticencias maliciosas, só findou quando a Borghi appareceu no palco, sob um chuveiro de applausos vibrantes e de olhares prescrutadores.

O publico assustadiço tranquillisou-se á primeira audição e ao primeiro exame. A diva tinha a mesma voz avelludada e portentosa. Nas formas da mulher não havia nem um vestigio de maternidade proxima. O matrimonio soubera respeitar a Arte. Esplendida garganta e... abençoado marido!

Houve quem preferisse ao *Mephistopheles* de Boito o phenomeno Hermann do Colyseu. São gostos.

Vendo-o no meio do circo, sem braços, tocar rebeca e cornetim com os pés meio desnudados, jogar uma partida *d'ecartè*, assoar-se, fumar, beber cerveja, cofiar as melenas, e dar um *shake-feet's* no proximo, não podemos eximir-nos de pensar na figura tristissima que aquelle infeliz fará junto da mulher amada, se é que elle ama alguma, ou poude encontrar, na sua peregrinação pelo mundo, alguma capaz de o amar a elle.

Que de situações tão ridiculas, Deus do Ceu, e, sobretudo, que caricias d'amor tão mal cheirosas!

E, entre os attractivos sempre novos de S. Carlos e as momices sempre desopilantes do Colyseo, passámos a semana, tendo como prato de resistencia, ao terceiro dia, o julgamento do Paula Pereira, d'aquelle santarrão, heroe do crime da rua Formosa, sobre quem recahia a suspeita de ter assassinado a irmã, por altas horas de uma noite de março, aos primeiros clarões da madrugada. A defeza brilhante e lacrimosa, confiada a um exministro poeta, provou que Francisco de Paula Pereira era o peior dos chapelleiros, mas o melhor dos homens e o mais affectuoso dos irmãos.

Metteu-se de permeio a Senhora Apparecida, e o supposto assassino foi absolvido, depois de ter engordado a olhos vistos na cadeia, provavelmente de *desgosto*.

Mas quem matou a Maria Emilia Pereira? Mysterio indecifravel. O irmão diz que não foi; dil-o elle, e a justiça confirma-o, sem poder descobrir o criminoso.

Para que é a justiça cega senão para estes casos difficeis?

CASIMIRO DANTAS.

REALIDADES

(A Rosendo Carvalheira)

I

Vinha o meu lirio candente,
Entre um sonhar matutino,
Lançar á aurora frémente
O meigo olhar purpurino.

Brilhava a trança innocente
N'um terno alvôr crystalino,
Rhytmo d'amor transparente
D'um pobre sol vespertino!...

Da larangeira uma flôr,
D'um deslumbrante lavôr,
Sobre o seu collo ondulado:

Nas faces rubras, anciosas,
Umas delicias de rosas
Por entre o véo do noivado...

II

Chegou a noite. Nos ceus
Divaga a lua brilhante,
Buscando o timido adeus
N'um beijo nu, palpitante...

Rasgam-se os tumidos véos
Do alvo perfil delirante,
Surgem do mar escarceos
Que vêm banhar minha amante.

Na languidez do presente
Absorto vou, refulgente
Ouvir sonhar a ventura...

Penso volver ao passado.
D'este viver socegado,
Sempre que alvejo a loucura...

Coimbra—1885. TRIGUEIROS FALCÃO.

AINDA O ABBADE DE FARIA

Já tinha escripto o artigo a respeito do abbade de Faria, que os leitores da *Illustração Portugueza* aqui poderam vêr ha alguns numeros, quando completei a leitura do 12.º volume do *Diccionario Bibliographico* (5.º do *Supplemento* e 3.º na lista dos que já são redigidos pelo sr. Brito Aranha).

O sr. Brito Aranha tem como já disse, dado um desenvolvimento notavel e um notavel aperfeiçoamento á obra que se encarregou de continuar. Innocencio restringia-se demasiadamente á parte bibliographica, não seguindo n'esse ponto o exemplo de Barbon, receioso de ampliar demasiadamente o seu livro. Se se não tivesse abstido de communicar aos leitores um grande numero de noticias que elle colleccionára, não lamentariamos agora a falta da publicação das suas *Memorias de Filinto Elysio* e *Memorias de José Agostinho de Macedo*, e a dispersão por periodicos diversos, que nem sempre é facil colleccionar, de um grande numero de biographias interessantissimas, como são as de Candido Lusitano, Thomaz Antonio dos Santos Silva, Fr. Caetano Brandão, etc , etc.

O sr. Brito Aranha não segue esse processo e faz muito bem. Reune o maior numero possivel de dados biographicos, e substitue assim com vantagem as diatribes violentas que Innocencio intercalou nos artigos do seu *Diccionario*, que são aliás modelos de consciencioza e infatigavel investigação.

Completava eu, portanto, a leitura do 12.º volume do *Diccionario*, quando se me deparou exactamente na ante-penultima e na penultima pagina (412 e 413) um additamento ao artigo *José Custodio de Faria*, em que o sr. Brito Aranha dava conta ao publico de uns esclarecimentus importantes, que ácerca d'esse curioso personagem recebera da India.

Baseiando-me pois n'esses apontamentos que o sr. Brito Aranha transcreve textualmente, vou tambem dar aos leitores da *Illustração* uma noção mais completa da physionomia d'esse abbade, que foi um dos personagens queridos da nossa imaginação infantil, nos tempos felizes em que a phantasia de Dumas nos apaixonava e enlevava, e em que devoravamos, com o coração palpitante, a historia das extraordinarias aventuras de Edmundo Dantés, conde de Monte-Christo.

O abbade de Faria era o descendente de um rico brahmane, chamado Antú Sinay, que no seculo XVI se converteu ao christianismo. O pae do abbade, antes de casar com D. Rosa, recebera ordens menores Não ha, a respeito do motivo de separação dos casados, esclarecimentos algum. Sabe-se unicamente que se separaram por mutuo accordo, indo D. Rosa para o convento das Monicas, e entrando definitivamente Caetano Victorino na vida ecclesiastica.

Foi em 1771 que o padre Caetano Victorino e seu filho sairam para Portugal, e, como eram muito protegidos pelo nuncio, por Henrique de Mendanha, que fôra secretario do Estado da India, e pelo padre-mestre fr. João Baptista de S. Caetano, obteve Caetano Victorino ir a Roma, onde se doutorou, e obteve ainda que seu filho entrasse, como pensionista portuguez, á custa d'el-rei D. José, no Collegio da Propaganda. Concluiu José Custodio o curso em 1760, e n'esse mesmo anno defendeu theses de theologia, que versaram sobre a existencia de Deus. Essas theses dedicou-as elle á rainha D. Maria I e a seu marido D. Pedro III, desfazendo-se em elogios latinos aos dois monarchas, chamando-lhes *piis, augustissimis, potentissimis christianae rei amplificatoribus, litterarum bonarumque artium patronis munificentisimis*, tudo no dativo e no superlativo, como é de regra em boa dedicatoria latina.

Como foi que este dovoto e respeitoso sacerdote se fez depois o revolucionario que sabemos é o que se ignora completamente, e pena é realmente que não possamos seguir a evolução d'aquelle espirito, de fórma que se póde dizer que conhecemos dois abbades de Faria, cujo ponto de contacto não é facil de encontrar: o Faria das theses e da capella real e das dedicatorias latinas, e o Faria da revolução e do magnetismo, que tão boa materia prima offereceu a Alexandre Dumas para o seu heroe de romance.

Mas, digam o que disserem, cante-se embora em todos os tons o talento do padre goano, é certo que o que mais serviu para a sua immortalidade foi o ser transfigurado pelo grande romancista. O prégador, o theologo, o physico podiam ser muito apreciados pelos eruditos, mas é certo que nem Portugal se ufanava de o contar no numero dos seus sacerdotes, nem a India se gloriava de lhe ter sido berço, se um bello dia Alexandre Dumas não se lembra de o metamorphosear n'um personagem de romance, completamente diverso do personagem historico, e de fazer do filho de Caetano Victorino aquelle preso legendario, que leva annos sem conto a furar as paredes do seu carcere, que revela a Edmundo Dantés o segredo dos seus thesouros de Monte-Christo, que morre em occasião opportuna e de fórma tal que o bom do marselhez pode substituir-se ao cadaver, e escapar-se do castello d'If, a nado.

Quando um estrangeiro fôr á India Portugueza, e passar pela aldeia de Covalle, os habitantes mostrar-lhe-hão com orgulho a capella reedificada pelo sr. José Nicolau da Fonseca, e dir-lhe-hão:

—Esta capella pertencia á casa do famoso abbade de Faria.

—Qual abbade de Faria? o de Dumas!

—Exactamente, o de Dumas.

—O do *Monte-Christo?*

—Tal qual; o do *Monte-Christo*.

—O que esteve preso no castello de If?

—Não; elle nunca esteve preso no castello de If.

—Então não é o de Dumas; esse, onde passou uma boa parte da sua vida e onde morreu, foi no castello de If.

—Sim, bem sabemos; são liberdades de romancista. O abbade de Faria não esteve em If.

—Ah! bem! mas emfim, os senhores fallam do abbade de Faria, que tinha enterrado thesouros prodigiosos na ilha de Monte-Christo?

—Não! isso não, elle nunca teve thesouros prodigiosos, nem mesmo foi á ilha de Monte-Christo.

—Mas perdão! o abbade de Faria de Dumas é o que foi á ilha de Monte-Christo enterrar thesouros prodigiosos, cuja existencia revelou depois a Edmundo Dantés.

—Ah! pois sim, mas esse é o de Dumas, um personagem inventado por elle...

—Ora ainda bem! Este seu abbade Faria n'esse caso o que é?

—O que é?

—Sim; o que é?

—E' o filho mais illustre d'este paiz, como se lê na *Gazeta de Bardez* de 17 de junho de 1882.

—Excellentemente. Era pois n'este sitio a casa do filho mais illustre d'este paiz.

—Sim senhor, era aqui mesmo, e alli está para prova o monumento que lhe foi erigido pelo sr. José Nicolau da Fonseca, medico em Bombaim.

—Ah! um monumento! nem mais nem menos; mas o que foi que tornou illustre o seu abbade Faria?

—O que o tornou illustre? essa é muito boa! Tornou-o illustre o facto de ter sido escolhido por Alexandre Dumas para herói do seu famoso romance *Monte-Christo*.

Se o sobredito estrangeiro não desatar n'este momento á bordoada aos indigenas, dará n'isso uma evidente prova da mais perfeita moderação e da mais completa compostura de animo.

E' realmente curioso: Dumas não aproveitou do abbade de Faria senão o nome e até certo ponto as suas idéas e preoccupações de magnetismo. Nada ou quasi nada tem de commum o abbade de Faria do romance com o padre José Custodio de Faria da realidade, e é comtudo por Alexandre Dumas ter pronunciado esse nome n'um dos seus livros mais populares que o verdadeiro

Faria adquiriu a celebridade que sabemos, e foi por isso que os seus compatriotas se começaram a gloriar d'elle, e se ufanaram de que houvesse nascido em Covalle, e que a *Gazeta de Bardez* lhe chamou o mais illustre filho d'esse paiz, e que o sr. José Nicolau da Foaseca lhe vae erigir um monumento! E deve ser curioso, se no outro mundo se tem pleno conhecimento do que se passa n'este, deve ser curioso um encontro de Alexandre Dumas com o abbade Faria. «Dê-me para cá o meu nome! exclamará talvez o pobre José Custodio, furioso.—Pois sim, responderá rindo largamente, com o seu riso sonoro e satisfeito, o bom do Dumas, pegue lá o seu nome, mas então dê-me para cá a sua gloria. E ambos terão razão, porque é certo, effectivamente, que Alexandre Dumas condecorou com o nome do abbade de Faria um personagem imaginario, mas é certo tambem que, se o abbade de Faria consegue expulsar do mundo dos factos essa individualidade apocrypha, com ella se vae tambem a sua celebridade, e os seus compatriotas nunca mais lhe chamarão o filho mais illustre do seu paiz.

PINHEIRO CHAGAS.

IMPROVISO

....

Reencarnas em ti a Eleonora,
Visão do Tasso. A côrte de Ferrara
Se te visse formosa assim, pasmára,
Crendo-te esse ideal que ainda hoje adora.

Na escuridão que a cerca, esta alma implora
Um só olhar dos teus, belleza rara.
Tenho o barathro aos pés; mulher, ampara
A existencia que em dores se evapora.

D'esta paixão no fogo é que me inflammo.
Anjo, que o chão mal tocas n'esse adejo,
Porque me foges, quanto mais te chamo?

Não contraries assim o meu desejo;
Ninguem te sabe amar, como eu te amo;
«Ninguem te sabe ver, como eu te vejo.»

Bahia. JOÃO DE BRITO.

DOROTHEA ENGRACIA TAVAREDE DALMIRA (1)

(17..—1760)

Basta-lhe o nome, para o leitor ficar desconfiado de que andou alguem mascarado por traz d'elle, não sendo racional, nem mesmo plausivel, o ter havido pae de tão ruins entranhas que trouxesse da pia do baptismo uma Dorothea, para lhe dar o sobrenome de Engracia. Tudo tem termo cá n'este mundo, incluindo o bom humor paterno.

Tenho pois que decifrar um logogripho, genero de quebra-cabeças com que sinceramente embirro, mas antes d'isso vou transcrever o titulo do unico livro attribuido a Dorothea Engracia, que não pecca pela sobriedade, e vem a ser: «*Maximas de virtude e formosura, com que Diofanes, Climena e Hemirena, principes de Thebas, venceram os mais apurados lances da desgraça*», titulo que desde logo tira a vontade de ler a obra, opinião minha, que os contemporaneos de Dorothea Engracia não compartilharam, por haver o livro tido a primeira edição em 1752, a segunda em 1777, e a terceira em 1790, tres edições em 28 annos, fortuna de que raros escriptores nacionaes se podem gabar, e que denuncia o pouco amor do publico pela letra redonda, salvo se uma D. Dorothea qualquer logra espicaçar-lhe a curiosidade.

Quem foi o verdadeiro auctor, ou auctora, das «*Maximas de virtude e formosura*» que tão guindados encomios mereceram aos tres reverendos padres, Rodrigo de Sá, José de S. Gualter, e Manuel Monteiro, este ultimo academico de numero da Academia Real, Arcade de Roma, e examinador das tres ordens militares?

O primeiro dos tres padres diz que D. Dorothea: «Não mereceu menos louvor, governando os dedos com a penna, que o que conseguiu outra grande matrona, voltando com os dedos o fuso.» Não fôras tu qualificada do Santo Officio, que já não dizias d'estas!

O segundo affirma: «Que nas letras e armas, que são os dois polos de toda a gloria varonil, podem as mulheres competir com os maiores homens do mundo, porque com prudentes conselhos de mulheres se tem remediado desordens, a que os homens mais sabios não descobriram remedio.»

O terceiro padre, que não era homem para ficar atraz de ninguem, accrescenta: «Que nenhuma penna ha, que lhe leve a primazia; nenhuma que se lhe anteponha, nem na eleição do assumpto, nem na proporção do estylo. Não repete como echo o que já se disse, tudo o que diz é com novidade.»

Ora isto tudo affirmado por tres padres-mestres, e confirmado por tres edições do livro quasi successivas, deixam-me desorientado ácerca do caso, sem poder affirmar em consciencia se os reverendos padres foram velhacos nas suas apologias, ou se eu é que sou tolo, pelos não entender a elles, nem a ella. O mais certo é ser eu o culpado, mas ainda assim não me dou por vencido.

Na dedicatoria do livro, feita á Princeza D. Franoisca Izabel, já eu tenho por onde pegar, e vou fazel-o, não para descredito de D. Dorothea Engracia, mas para defesa minha, que bem preciso, d'ella. Depois de confessar a sua *fidelissima escravidão* á princeza e para se desculpar de não lhe fazer o elogio segundo os praches do tempo, diz que *temeu padecer um Icario arrojo, tropeçando no atrevimento, e caindo em um mar de impossiveis!*»

Digo eu agora, salvo melhor juizo, que tendo Icaro caido das alturas onde arrojado se elevára, não sei em que pudesse ter tropeçado, mas em summa até viver aprender, como dizem as velhas.

Vamos agora á questão bibliographica, que é intrincada, e que se não póde devidir ao meio, como no sabio julgamento de Salomão, por serem tres os suppostos auctores das *Maximas de virtude e formuzura*, e só um o poder ter sido verdadeiramente.

Innocencio da Silva quando se trata da unica Dorothea que apparece no seu «*Diccionario Bibliographico*» manda-nos ir procurar D. Thereza Margarida da Silva e Horta, natural de Lisboa, irmã de Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor que foi da Casa da Moeda, e ambos contemporaneos de Diogo Barboza Machado, o pachorrento auctor da «*Bibliotheca Luzitana*».

Chegados á beira de D. Thereza Margarida (como se diz no Minho) topa-se logo a seu respeito com esta opinião de Barboza: «Foi (segundo elle) ornada de sublime engenho e agudo entendimento, com o qual fizera admiraveis progressos assim na poetica como na oratoria, grangeando na instrucção das linguas mais polidas da Europa delicados conceitos, em que competia a discripção com a elegancia». E para comprovar a sua asserção, dá-a como a verdadeira auctora das «*Maximas de virtude e formusura*» sendo com effeito o supposto nome de Dorothea Engracia Tavareda Dalmira, anagrama evidente de D. Thereza Margarida da Silva e Horta, o que resolveria a questão, senão viesse um terceiro metter-se na contenda.

Antes de dizer quem foi esse terceiro, preciso deixar fallar a auctora, que se não aclara o mysterio bibliographico, de saber quem foi o dono ou dona das «*Maximas de virtude e formosura*» dá de si alguns indicios biographicos que entrego á meditação de quem gostar d'estas frioleiras.

Ahi vão os taes indicios, pela ordem por que os encontrei. «Diz o auctor, ou a auctora, que escreveu o livro *para infundir no animo d'aquelles por quem deve responder o amor da honra, e o horror da culpa*, e muitas cousas mais, que não vem para o caso.

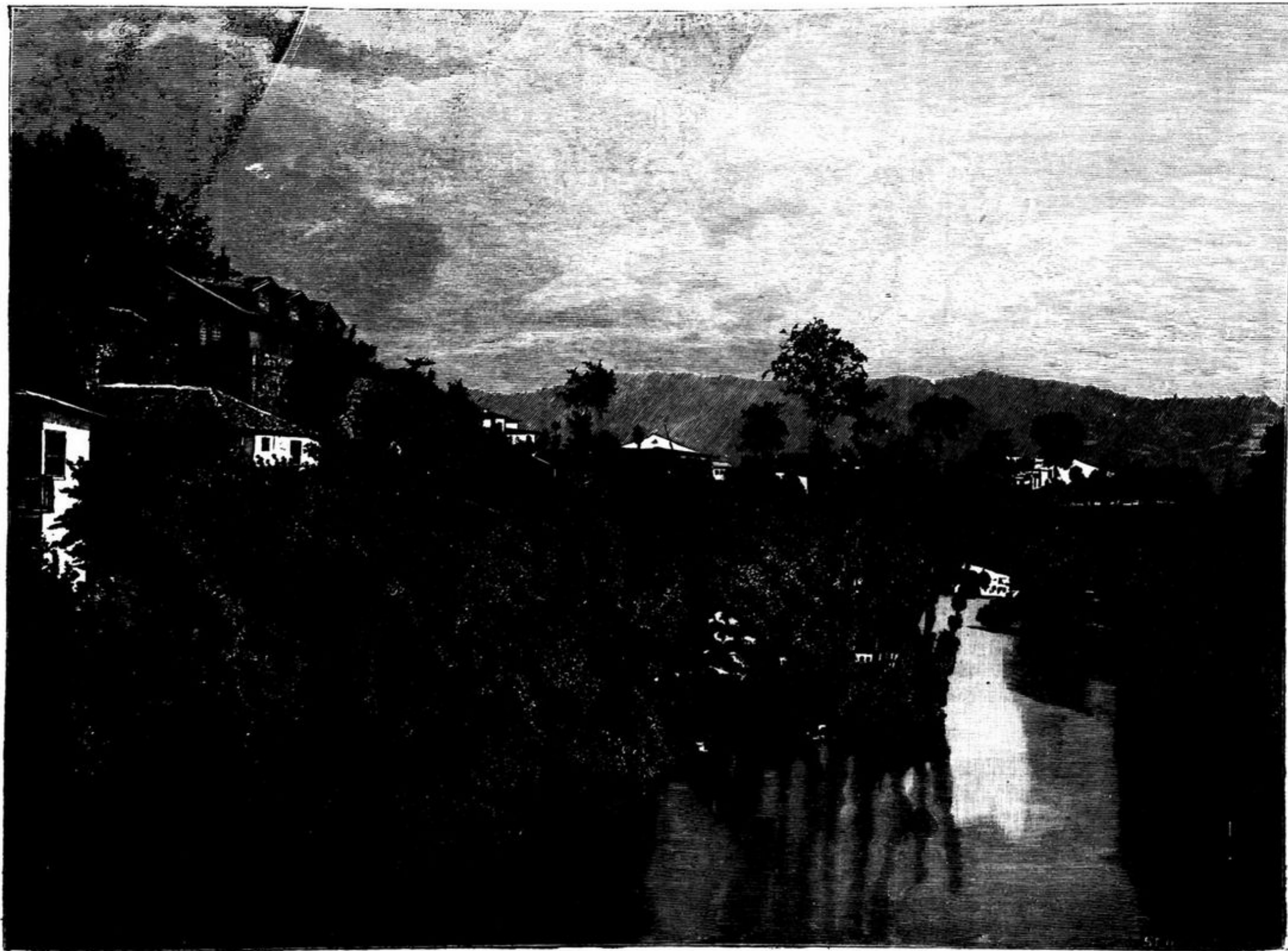
Da phrase, por quem *deve responder*, deduz-se que o auctor ou a auctora das «*Maximas de virtude e formozura*» tinha filhos, por que só aos paes corre o dever de taes responsabilidades.

Em outro logar do prologo lê-se: *mas com ser estrangeira tenho visto bastante*, etc.; e mais adiante: diz ser serrana, e que não deve admirar ter soberanos pensamentos, aqui deitou ella a livraria abaixo: «Pois que em uma aldeia nasceu Pyrrho, que venceu os Epirotas; em outra Scipião, que venceu os Africanos; em outra Octavio, que venceu os Germanos; e em outra Tito, que venceu os Palestinos: mas no caso que a enchente dos criticos engrossem tanto que cheguem a satyras, nem assim creias que me chegarão á noticia, por que vivo na minha choupana, visinha da Serra da Estrella, onde não chegam vaidades da côrte.»

Que barafunda! Em um logar do prologo diz que é estrangeira, em um outro que é serrana, e para coroar a festa Barbosa dá-a como nascida em Lisboa, o que desmente as duas affirmativas da mais directamente interesessada no pleito!

Mas o caso não pára aqui. Na segunda edição do mesmo livro, o severo titulo de «*Maximas de virtude e formosura*» muda para este outro, mais popular e euphonico «*Aventuras de Diofanes, imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Telemaco*», titulo que se conserva depois na terceira edição, mas que, para não deixar de trazer nova complicação, declara ser Alexandre de Gusmão o seu verdadeiro auctor!

A' vista d'estas disparidades, Innocencio da Silva cruza os braços, e não se decide por Barbosa, nem pelo editor anonymo da terceira edição das «*Aventuras de Diofanes*» e passa a deligenciar vêr se deslinda um outro ponto curioso, que se prende com o assumpto, e vem a ser se Thereza Margarida, escreveu, ou não escreveu o poema em cinco *prantos* que tem por titulo: «***Thereza Margarida da Silva e Herta encarcerada no mosteiro de Ferreira, encaminha ao céo os seus justissimos prantos no seguinte poema epico-tragico***, que o consciencioso bibliophilo diz

(1) Este artigo faz parte, como outros que se lhe hão-de seguir, de um livro inedito intitulado «*Estudos ácerca das prosadoras e poetisas, desde o seculo XV até o fim do seculo XVIII.*

UMA PAIZAGEM DE VIZELLA

ter visto por copia em poder de Francisco de Paula Ferreira da Costa, já fallecido.

Eu por mim perdi a esperança de ter egual fortuna, porque já a procurei, sem a encontrar, na Bibliotheca Nacional e na da Academia Real das Sciencias, com a paciencia com que o caçador espera um coelho, sem tirar nenhum resultado das minhas pesquizas.

Pois tenho pena, que fiquei com a agua a crescer-me na bocca, ao lêr a exposição do poema n'estas duas oitavas que Innocencio da Silva salvou do esquecimento publicando-as, e que são a denuncia de um romance qualquer, a que para sempre se perdeu o fio.

I

«Portentos de valor e mil proezas
Descreva o grego, cante o mantuano:
De seus heroes as civicas emprezas
Digam outros em metro soberano:
Ociosos repitam as finezas
D'esse vendado Deus, amor insano,
Enthusiasmo Apollo lhes inspire
Todo o Parnaso a seu favor conspire.»

II

«Com rouca voz e lyra dissonante
Meus males cantarei, que injusto fado
Contra mim suscitou com mão possante
Empenho vil, rigor precipitado!
Da fortuna mortal, sempre inconstate,
Darei um exempiar nunca cantado:
Pois que a da cara honra e liberdade
Me usurpou a maior fatalidade.»

De quem seria o empenho vil, e o rigor precipitado de que a poetisa se queixa? Quem lhe usurparia a honra, e a liberdade? A liberdade vá; mas a honra, é coisa mais séria! E depois a designação de poema tragico, dá-me ainda que pensar (*) e estou tentado a ligar os infortunios da auctora não só ás rasões que teve para publicar anonyma, as «Maximas da virtude e formosura» como para nos dar de si tão confusas indicações como as que se lêem no prologo do seu livro.»

O editor da terceira edição das «Aventuras de Diofanes» diz que o nome de Dorothea Engracia Tavareda Dalmira é tambem o anagrama de Alexandre de Gusmão, o que não é verdade, circustancia que, junta á outra, de ser Barbosa contemporaneo de D. Thereza Margarida e lhe attribuir a obra, deixaria o secretario particular de D. João V, sem direito á sua paternidade.

A enclausurada do mosteiro de Ferreira teve, como já disse, um irmão, mas o que me esqueceu additar foi que escreveu um livro «*Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos moraes sobre os effeitos da vaidade*» que teve quatro edições desde 1752 até 1786, furtuna ainda maior que a lograda por sua irmã, a auctora das «*Aventuras de Diofanes*.

Um dos censores do livro de D. Thereza Margarida chamalhe *um poema incompleto da especie epica, por falta de metro*, o que é anticipar o seu voto na questão de se há, ou não há poemas em prosa, levantada a proposito do Telemaco, e mais tarde, e com maior calor, com referencia aos Martyres, de chateaubiand.

Em que eu não estou de accordo com os censores do livro de Thereza Margarida, é nos elogios que elles lhe teceram ao estylo, que não pode ser mais sorna, nem mais deluido.

Vai ao acaso, uma amostra:

«*Turnio, pastor dos rebanhos de Carmindo, irmão de Anchisia, namorado de Hemirena pedio a Anchisia quizesse consentir que lhe desse a mão de esposa, e lhe disse: Sabei, Senhora, que o amor que nem perdoa aos pastores me trouxe á vossa prezença para que me concedais para esposa a bella Hemirena; pelo que me offereço em seu logar para vosso escravo; por que depois que eu a vi, as ovelhas co me de noite o lobo, os cordeirinhos morrem, faltando-lhes o leite, as cabras fogem, e os carneiros se me furtam, por que só me lembro de Hermirena*»

Uma narrativa toda n'este tom, pede a leitura de uma creada de servir, apenas com seis mezes d'aula regia e tendo por unica ouvinte a patrôa, respeitavel senhora d'oculos verdes, que adormeça no fim do periodo, dando á leitura azo de fechar o livro, e de correr á janella, onde a chama o terceiro amoroso assovio de um requestador nocitivago.

L. A. Palmeirim.

(*) A respeito do poema, diz Innocencio da Silva: Do seu contexto concluia-se apenas, que auctora residia ao tempo da sua composição, reclusa havia seis annos; que era então viuva, e tinha um filho: porém mal podia perceber-se quaes as culpas que lhe imputavam, ou que serviam de fundamento para a perseguição mysteriosa de que se queixa.» Innocencio accrescenta: «Haver quasi a certeza de que tal obra não chegára a vêr a luz da impressão. «Eu apenas repito que a procurei inutilmente, o que não quer dizer que ella não exista.»

MADRIGAL

Se fosse n'outro tempo, quando a Historia
Nos dias que os menestreis de capa e espada
Iam colher os loiros da victoria,
Para os lançar aos pés da sua amada;

E á luz da lua merencoria e branda,
A' luz da lua de saudoso abril,
Em despontando um vulto na varanda,
Descantavam ao som d'um arrabil;

Se fosse n'esse tempo, então veria
Como eu, de capa longa e roçagante,
Tangendo um bandolim, lhe cantaria
A' janella ogival do seu mirante.

Mas como ninguem canta o Amor agora,
E nem as cordas do arrabil dedilha,
Só lhe venho pedir, minha senhora,
Para ser... o meu par n'uma quadrilha.

A. B.

AMOR E EQUITAÇÃO

A JOSÉ DE FIGUEIREDO

Elle era um rapaz bonito, elegante, engraçado, mas sem vintem. Ella não era muito bonita, nem muito elegante, mas tinha muito dinheiro e uma frisa d'assignatura em S. Carlos.

O que foi feito d'ella? Não sei. Isto foi ha tantos annos!... Elle, sei, está já meio velhote, com o mesmo dinheiro que tinha d'antes, muito menos cabello, e muito mais experiencia d'este valle de lagrimas.

Elle, n'esse tempo, ia muito a S. Carlos. A sua cadeira ficava ao pé da frisa d'ella. Começou a namoral-a uma noite em que lá não tinha nenhuma das suas onze namoradas effectivas de S. Carlos. Ella deu-lhe attenção.

E em toda a noite ella e elle importaram-se pouco com os deliciosos garganteados da Ortolani, e com as boas chalaças do pobre Paccini no poeta da «Mathilde de Schabran.»

Quando acabou o theatro, elle esperou-a lá em cima á porta do picadeiro.

Ella sahiu com sua tia, uma matrona respeitavel e feia, que lhe deitou um olhar cheio d'ira, ao passo que ella tinha kilos e kilos d'assucar no seu olhar demorado e amoroso.

Metteram-se no seu coupé e ellas ahi vão.

Elle namorou ainda, por momentos, uma typoia de praça que esperava freguez... mas deixou-se d'isso e deixou-as ir.

Na noite immediata lá estavam ellas na sua frisa e elle na sua cadeira.

E o mesmo namoro da vespera, mais presistente, mais atrevido, mais petulante.

E as noites succederam-se, parecendo-se.. todas umas com as outras...

Elle pozera de parte todas as suas paixões de S. Carlos, e concentrára todo o seu amor das noites lyricas na rapariga da frisa e do coupé.

Fôra-lhe facil saber onde ella morava, sem ter a despeza de a seguir de trem.

Morava lá para as bandas do Rato, na rua de S. Filippe Nery.

N'esse tempo ainda não havia Americanos nem Ripperts.

E perderam bastante com isso os Ripperts e os Americanos porque teriam ganho um bom par de patacos com aquelle violento amor.

Mas para elle, para o ardente enamorado, foi uma pechincha não os haver. Teria deixado de fumar muito charuto se houvesse americanos então.

Todos os dias ahi da uma hora para as duas elle passava por defronte das janellas, onde o esperava debruçada amorosamente a menina da frisa.

Olhavam-se longamente, elle subia a rua, devagarinho, parando a cada passo, voltando-se para traz, depois descia com o mesmo andar de patrulha, atravessava o Largo do Rato, e só começava a andar como toda a gente lá no principio da rua da Escola, defronte do palacio Palmella.

E apesar das estafas que elle dava todos os dias, o namoro estava na mesma. Elle andava muito, mas o namoro é que não dava um passo.

Já tres cartas se lhe tinham enxovalhado no bolso, e nada de lh'as entregar.

Umas vezes o Rato estava sempre cheio de transeuntes, outras vezes ella apparecia á janella com uma amiga e não havia meio de impingir a missiva.

Um dia, quando já muito cançado de subir tantas vezes S. Roque e S. Pedro d'Alcantara elle chegava á Patriarchal, descia a cavallo um amigo seu, tenente de artilheria.

UMA CAVALGADA

Conversaram.

—Então vaes passear a cavallo?

—Não, vou deixar o bicho alli na rua da Figueira, e dar umas voltas a pé.

—Ah! Deixas o cavallo na rua da Figueira?

—Deixo.

—Olha, então faze-me um favor, empresta-me o cavallo, que eu tenho de ir ahi acima, e vou já fatigado, e depois quando voltar lá t'o deixo na rua da Figueira.

—Pois sim, consentiu logo o tenente apeando-se, mas vê lá, o cavallo é muito fino...

—Não faz mal, sei montar tão bem ou melhor do que tu.

—E não trazes presilhas, sobem-te as calças!

—Não tem duvida. São compridas, e eu não me desmancho nada a cavallo.

Descendo as calças quanto decentemente podia, montou no cavallo, e muito contente, com uns grandes ares orgulhosos de cavalleiro, encaminhou-se para a rua de S. Filippe Nery.

Ella, a menina da frisa, esperava-o á janella. Era a sua hora.

Esperava-o com umas amigas que lá tinham ido passar o dia, e a quem ella queria mostrar o seu gentil namorado.

Mas ao chegar ao largo do Rato, ouviram-se umas cornetas que tocavam, não sei a que, no quartel de cavallaria.

O cavallo percebeu o toque e mal o ouviu, deitou a correr por alli acima, para o quartel, a toda a brida.

Elle, o pobre namorado, que não era muito forte em cavallarias, ia cahindo ao meio do chão. Agarrou-se ao pescoço do cavallo, e assim, n'uma grande intimidade, abraçado com o animal, chegando-lhe com a cara ás orelhas, como se estivesse a dizer-lhe um segredo, deitado quasi horisontalmente sobre o selim, com as calças subidas até ao joelho, passou como uma visão grotesca, pela rua de S. Filippe Nery, a todo o galope, defronte das janellas da sua namorada, que, vexada e corrida, se mettia para casa, emquanto as suas amigas riam ruidosamente.

E n'esse anno elle não voltou a S. Carlos, e na sua vida, nunca mais andou a cavallo.

GERVASIO LOBATO

A SULTANA

A languida sultana, mollemente
Envolta em lençoes leves, alvejantes,
Conta ao sultão uns contos deslumbrantes
Das terras encantadas do Oriente.

Falla das grandes casas construidas
De um excellente marmore alvadio;
Das filhas de Bassora, languecidas
Aos beijos de um rei morbido, sombrio;

Dos brocados finissimos, franjados
De alvinitente prata e perfumados
De um exquisito aroma embriagante...

E o sultão, pelas frestas da dourada
Janella, espreita a linda madrugada
Que desponta no lucido levante.

CAMILLO DE ASSIS.

A TRILOGIA DE JOÃO FERNANDES

MADEMOISELLE FAUVETTE

Gœthe, o inaccessivel, abriu banca de lettrado para os infelizes, aconselhando-lhes, officiosamente, que diluissem a sua dôr na agua de rosas de um poema.

João Fernandes, caindo do setimo céo na prosa trivial e reles do lar beirão, teria de certo aproveitado o conselho, se acaso o seu cerebro, resistente e espesso, não fosse incapaz de dobrar-se á ductil brandura e á flexivel elasticidade do metro e da rima.

O mestre-escola, escolhido para confidente d'aquella saudade sem reflorir de esperança, compoz tres sextilhas, ao mesmo tempo que ia enxofrando umas cepas doentes, maldizendo, com muitas rimas em *ão*, o sexo fraco, e instigando o forte a blindar-se contra as perfidas frechadas do deus Cupido.

João Fernandes decorou os versos, e ia cantal-os á noite para o alto das serras, cravando os olhos nas estrellas, como os pastores dos Alpes, acompanhando-se do gemer dolente da guitarra, na toada melancolica e vagamente desolada do fado nacional.

Em vão o lavrador chamava o João para a grande e absorvente preoccupação de toda a sua vida laboriosa e simples:—a agricultura.

Interessava-o nos lucros, consultava-o antes de realisar qualquer transacção, tomava-o para arbitro nas questões com os rendeiros, fingia-se ignorante nos processos da lavoura, só para dar ao filho o prazer de ensinar-lhe o que a sua velha experiencia ha muito sabia.

Fernandes Senior resumira todas as suas affeições n'esse unico filho, que custára a vida a sua mãe. Desde que elle nascera não tivera senão uma idéa fixa, que illuminava e como que afinava o seu espirito rude e inculto: trabalhar, trabalhar incessantemente e honestamente, para deixar ao seu João um cabedal solido e um nome honrado.

Ao vel-o cair na tristeza indolente e inactiva, que inutilisa o homem e o colloca, na escala dos seres, abaixo do irracional; ao reconhecer que eram baldados todos os esforços que empenhára para reconduzir o filho ao bom caminho; ao encarar, aterrado, a possibilidade de vêr morrer-lhe nos braços esse lunatico, que não comia nem dormia, que fallava só, que emmagrecia a olhos vistos, deixando-se devorar pela dôr que lentamente o consummia, Fernandes Senior não hesitou por mais tempo.

Envergou o seu fato duplex, que durante longos mezes permanecia deitado e immovel no fundo da arca, sobre um perfumado leito de trevo e rosmaninho, e estugando o passo, partiu direito á quinta das Olaias, residencia do seu compadre e inspirador, o morgado Trancoso.

As raras visitas de Fernandes Senior ás Olaias tinham sido sempre motivadas por circumstancias solemnes, que demandavam a opinião conceituosa e auctorisada do morgado, ouvida coma a de um oraculo: o seu casamento, o baptisado do filho, a venda dos montados do azinhal, etc., e agora..................

O resultado da conversa havida entre sua excellencia, o morgado, e Fernandes Senior, conversa regada por um delicioso vinho abafado, foi João Fernandes partir em viagem de recreio para Hespanha e França.

Iremos encontral-o em Paris, onde ninguem entra levando no coração a Dor, como uma vibora enroscada, senão para sair curado... ou morto, de uma morte identica á dos gladiadores que rolavam no pó da arena, bradando ao sol imperial:

«*Ave, Cezar, os que vão morrer te saudam!*»

*

Foi no café dos embaixadores, á sombra balsamica dos lilazes, em flor, que João Fernandes viu pela vez primeira mademoiselle Fauvette.

Era com uma graça picante e intencionalmente provocadora que mademoiselle segurava nas pontas dos dedos esguios e torneados uma *ecrevisse*, descascando-a methodicamente e chupando-a lentamente, absorta em uma especie de extasis sybarita...

Nas mezas do café, espalhadas ao acaso no jardim, entre os taboleiros de relva e os alegretes de flores, Paris jantava alegremente, banqueteando-se com *menus* ligeiros e caros, saboreando talhadas de melão anemico, pagas a 4 francos.

João Fernandes aturdido, acanhado, despaisado, recordava, mentalmente, os dialogos que aprendera na grammatica Monteverde, para o acto de sollicitar um dos creados que a lhe fizesse a mercê de servir-lhe o jantar.

No varandim fronteiro ao palco, onde Paulus exhibe o seu variado reportorio de caretas, as mezas, alugadas com a devida antecedencia, povoavam-se de cocottes e gommosos.

Os creados, atarefados, corriam de um lado para o outro, distribuindo lagosta á americana, o predilecto acepipe do parisiense-bohemio, que janta, por invariavel costume, no Café Concerto.

O beirão afundava-se, como um grão de areia, n'essa onda movimentada e alegre, acima da qual se cruzavam as rizadas, as phrases pittorescas, o tinir dos copos, a effervescencia ruidosa de uma multidão creada expressamente para o prazer.

João Fernandes esqueceu-se de jantar e quedou-se, contemplativo, em face da meza onde Fauvette comia gulotonamente,—a bôca vermelha e fresca gotejante de molhos apimentados, os grandes olhos garços, avivados a kohl, cerrados de goso, os cabellos côr de vinho do Rheno, engastando-lhe a carita *chiffonée*, emmaranhando-se-lhe na testa pequena e depremida e fazendo-lhe cocegas no nariz arrebitado.

O *odor di femmina*, excitado pela dilatação de um bom jantar, exhalava-se d'essa meza, aos pés da qual tinha de desfolhar-se, reduzido a um punhado de cinzas, o primeiro canto da trilogia de João Fernandes.

Ao champagne, já ambos tinham communicado um ao outro as suas respectivas sensações.

O beirão nunca se atreveria, se ella, lendo-lhe no coração... e no estomago, não lhe houvesse offerecido, no mesmo impeto generoso, um sorriso fascinador e uma fatia de salmão.

João Fernandes pagou bizarramente o jantar, depois do que foram ambos beber grenadine e ver rir Paulus.

N'essa noute de delirante commoção, mademoiselle Fauvette expandiu-se, contando ao ingenuo adorador que o acaso,—o Deus das Fauvettes—, lhe deparára, o romanesco capitulo da sua accidentada existencia.

*

Era orphã de pae e mãe,—todas as Fauvettes são orphãs. Uma tia chamara-a sua, para presentear com as incipientes 17 primaveras da sobrinha um merceeiro gottoso e asthmatico, encanecido pelas neves de cincoenta e tantos janeiros. Um dia, Fauvette fatigada de ouvir os assobios da asthma e os gemidos da gotta, bateu as azas e foi pousar em um quinto andar do bairro latino, presa ao visco do amor de um estudante de medicina.

Certa noite, o estudante esqueceu-se de subir os cinco andares, no alto dos quaes gorgeava a toutinegra; na manhã seguinte, ella abriu a porta da gaiola e largou o vôo.

Veiu depois a miseria, com todos os seus tragicos horrores, a dependencia, com todas as suas imposições humilhantes.

Fauvette trabalhára, luctára, exercera por muito tempo o logar de *demoiselle de comptoir*, no Printemps; aturara os patrões, as collegas, as freguezas, soffrera muito, e a sua voz tremia ao alludir a esse doloroso periodo, arrastando-se atravez de jantares archi espartanos:—um osso de carneiro e meia duzia de feijões brancos.

João Fernandes chorou, ouvindo-a; de bom grado teria caido de joelhos diante d'esse respeitavel infortunio. Quizera poder agasalhar no peito, afogado em lagrimas de compaixão, a querida martyr.

O mercieiro e o estudante appareciam-lhe sob o hediondo aspecto de dois ursos, quebrando entre as patas uma perola.

Vagamente, sentia impetos de estrangular os dois carrascos.

Como é que a pobreza não recuara diante d'essa encantadora rapariga, de um tão delicado chic, rainha pelo porte altivo e pela perfumada distincção?

Quantas victimas n'esse mundo abominavel, onde elle soffrera, logo aos primeiros passos, um desengano atroz!...

Agora, envergonhava-se de ter padecido por uma creatura vulgar, uma namoradeira sem coração, um ente banal e nullo, que lhe explorava a algibeira, uma mulher mercenaria e perdida; quando era aquella, a infeliz, sacrificada em holocausto á maldade dos homens, que merecia todo o seu amor...

Ao sairem do café, e ao subirem para um fiacre, na serenidade estrellada de uma noute do mez de junho, Virginia descera á valla commum do esquecimento. Paris triumphara mais uma vez, na pessoa de mademoiselle Fauvette!

*

Fauvette habitava um elegante *appartement garni*, em um 3.º andar da rua Caumartin.

Vivia relativamente bem, graças a uma mezada que lhe estabelecera um tio, residente em Bordeus.

O tio, segundo Fauvette contara a João Fernandes, para quem não tinha segredos, era proprietario de um armazem de fazendas, situado em Passy. Estipulara a mezada á sobrinha, sob condição de ir ella todas as manhãs fazer a escripturação á loja.

Fauvette só podia receber o apaixonado beirão, das 5 ás 7 da tarde.

Algumas vezes, raras, por causa da maledicencia dos visinhos e em attenção ao tio, que podia apparecer de um momento para o outro, iam juntos ao theatro, ou aos cafés.

Uma noute, no Eden—Theatro, no entreacto em que o Beirão saira, Fauvette desappareceu. No dia seguinte, explicou a João Fernandes que tinha fugido, evitando encontrar-se com um correspondente do tio.

A intuitiva delicadeza de sentimentos da parisiense captivava, de dia para dia, o sensivel provinciano.

Sempre que elle ousava brindal-a com uma bracelete, uns brincos, um collar, empenhava-se entre ambos uma verdadeira lucta, de que João Fernandes saia sempre vencedor, força é dizel-o.

Ella escrupulisava em acceitar-lhe dadivas; queria ser amada verdadeiramente, eternamente, sem nenhuma especie de interesse mercenario, por um coração leal como o d'elle, incapaz de mentir aos seus juramentos.

João Fernandes escrevera ao pae, pedindo-lhe licença para se cazar e instando pela brevidade da resposta, que elle esperava viesse acompanhada dos indispensaveis papeis.

*

Uma tarde, o beirão encontrou Fauvette [mergulhada em uma tristeza profunda.

O tio escrevera-lhe,—João Fernandes leu a carta—, annunciando que viria buscal-a no dia immediato, para ir passar com elle uma semana a Bordeus. Não podia negar-se ao tio, que era o seu ganha pão; mas por outro lado, como resignar-se a não o vêr durante oito longos dias, ella que já tinha soffrido tanto e para quem a vida se resumia no amor d'elle? Em presença d'essa dôr eloquentemente expressa, na mais flexivel e seductora de todas as linguas conhecidas, o beirão impoz silencio á sua propria dôr, e tentou afugentar a melancolia da bem amada, fallando-lhe do futuro que os esperava, dos seus projectos matrimoniaes, da Beira, onde ella iria reinar como uma soberana autocrata.

A' despedida, no dilaceramento de um longo adeus, vibrante de commoção, os seus braços enlaçaram-se, e pela vez primeira os labios de João Fernandes depozeram um beijo ardente na pequenina bôca, deliciosamente carminada pela *fraicheur*,—a inseparavel, em Paris, dos labios femininos, —que se lhe offerecia como um fresco botão de rosa.

*

Decorridos tres dias, a saudade, *o gosto amargo e deleitoso*, instigou João Fernandes a querer, como Trueba, vêr *«a gaiola d'onde a avesinha voou»*.

Entrou e subiu, tremulo de commoção, apertando o coração no peito...

De repente, a voz de Fauvette mordeu-lhe o ouvido.

Esfregou os olhos como um somnambulo, galgou os degraus a quatro e quatro, e parou um segundo á porta do seu eden, que, confusamente e ainda inconscientemente, se lhe afigurou, em um brusco relance, a porta do inferno.

Um ruido de vozes de homens, de gargalhadas, acompanhadas do tilintar de copos e talheres, rebentou como uma explosão.

João Fernandes curvou-se e espreitou pela fechadura.

Um dos homens acabava do baptisar Fauvette com champagne; os copos chocavam-se. no meio da casa, ebria, rindo doidamente, Fauvette,—a bacchante—, levantava o *evohé* pagão.

GUIOMAR TORREZÃO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Dedicado servo, ainda que distante d'esta prisão —1—1.
Antes do sol este animal diverte—1—2.
Na Italia esta ave é poesia—1—2.

Ajuda. CHRISTINA ADRIÃO.

É sobrenatural e corre esta sina—2—2.
Este adverbio é um envolucro que se veste—1—2.

C. B.

Appellido, tecido e instrumento—2—1
Immortal e generosa terra—2—1.
Longe d'este rio está esta provincia—2—2.

A. MENEZES.

EM VERSO

Ando nas aguas do mar.—2
Faço parte do navio.—1
Charada, má de matar
Como esta, jámais se vio.

Por conceito, só direi
Leitor, que é certo instrumento
Pouco visto, e de que tu
Não terás conhecimento.

J. A. DA CUNHA.

(AO PEQUENO ANTONINHO)

(Retribuição)

Esta minha charadinha
E' tão má de decifrar,
Que até fará recuar
Os charadistas pimpões!
Pois quem se lembra de ver
Uma tão grande embrulhada,
Uma charada formada
Sómente de embarcações?

NAUFRAGIO DO «VILLE DU HAVRE»

Meu amigo, hasde trocar
A lettra quinta, e então
Depois d'essa troca feita,
Vês ligeira embarcação—3.

N'esta não deves fazer
Qualquer troca ou suppressão,
Pois mesmo assim como está
E' pequena embarcação—2.

No conceito, meu amigo,
D'esta charada em questão,
Não te espantes, que isto é certo,
Vês antiga embarcação.

Monchique. JOAQUIM ANTONIO DA CUNHA.

A primeira com um terço
da segunda, e mais terceira,
acharás tu, sem canceira,
ser mansissimo animal.

E o que fica da segunda
Com quarta e quinta, dirás,
mas supponho que acharás
ser mansissimo animal.
Conceito p'ra que? Se o faço...
Que dizes tu, faço ou não?...
Sempre queres?! Vá: no paço
em dias de beijamão.

Uma criada que eu tive,
um dia fez a tolice
de misturar na primeira—2.
a segunda, sem que eu visse—1
Mas oh! que tunda tamanha
que a tal creada apanhou!
Por certo, de fazer outra,
vontade lhe não ficou.

E. PANCADA.

(A Manuel D. Monteiro Junior)

Como a triste violeta esconde o vulto lindo
Entre as folhas da haste, e vae sempre florindo,
Assim esta paixão (não sei porque receio!)
Crescendo mais e mais, occulto no meu seio.—3

Era alegre Cupido ao dar-me o cruel tiro—2
Mas eu não calo em mim a dor! Choro, suspiro...
Porque não tenho emprego; e pouco satisfeito
Espero ir escrever um dia no conceito!!

C. SERTORIO.

(A ANTONIO FREITAS)

Apesar de ser adverbio,—1
Tambem conto posso ser-2
E' difficil agarrar-me,
Porque ando sempre a correr.—2

O conceito da charada
Sem demora lhe vou dar:
N'uma folhinha qualquer
Pode o meu todo encontrar.

Ajuda. ANTONIO MARIA REGO.

DECAPITADA

Fui passeiar á — e encontrei ali uma — que consegui apanhar e que depois dei á — da D. Carlota, que — para — quinta.

IGNOTO.

LOGOGRIPHOS

Appellido—3, 2, 12, 12, 7, 12.
Appellido—2, 12, 12, 8, 12.
Appellido—11, 10, 9, 4, 12.
Appellido—11, 7, 5, 2, 12, 1, 7.
Appellido—12, 2, 5, 6, 4, 12.
Appellido—6, 2, 3, 2.

Dois appellidos
Mui conhecidos

Evora. A. J. N. SANTOS.

EM ACROSTICO

É muito facil não é?...

M agistrado muito recto—1, 2, 3, 4, 8, 5, 12.
U sa d'ella nobremente:—3, 7, 8, 11.
I nda mesmo qu'assim 'steja,—6, 12, 3, 9.
T oda cheia de semente—3, 4, 6, 5, 11.
O *mancebo* lh'a inveja. 8, 9, 5, 10, 11, 7.

F acilmente é encontrada—8, 4, 2, 3, 4.
A cidade portugueza:—8, 7, 9.
C orrendo vês um alado—8, 11, 6, 10, 9.
I nnocente com certeza,—2, 4, 2, 4.
L evando-o, todo rasgado!—8, 12, 6, 5, 7.

N o campo conduz a agua—6, 4, 8, 12.
A' terra do Barnabé.—8, 4, 1, 5, 11.
O leitor com certa magua:
?
É muito facil, não é?...

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

ADIVINHA POPULAR

Sem ser aranha nem rato,
Ver-me-hão em qualquer canto;
Eu tenho entrada no céo
Sem ser anjo nem ser santo.

Sem mim não ha nenhum homem,
Nem barbeiros nem pintores;
Vês-me em todos os droguistas,
E sempre, sempre entre flores.

Em muita parte me veem,
Sou bem facil d'encontrar.
Morada tenho em Lisboa
P'ra quem me fôr procurar.

Acham-me uma vez no anno,
Uma vez! quem tal diria!
E fiquem todos sabendo
Que ninguem me vê no dia.

INCOGNITO.

PROBLEMA

Diga-se a uma pessoa que pense em um numero qualquer, mas menor que um outro, por ex: 60, (menor multiplo dos numeros 3, 4 e 5) e que nos diga os restos da divisão do numero pensado por aquelles numeros. Adivinhar, pelo conhecimento dos restos, o numero em que se pensou, sem recorrer a tentativas.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Verosimil — Serpe — Ricardo — Evadido — Reino — Amar — Aida — Lima.

DA CHARADA EM VERSO: — Pueril.

CHARADA DECAPITADA: — Pedimos venia ao author da charada decapitada que hoje publicamos, para substituir o pseudonimo que escolheu, pelo de *Ignoto*. Ganha com a substituição, e nós tambem.

DOS LOGOGRIPHOS: — Cannafistula — Meridiano.

DO ENIGMA: — Os grandes nomes impõem grandes obrigações.

DO PROBLEMA: — Sendo n o numero pensado e a, b e c os factores e divis res indicados, tem-se: $n \times a : b : c : n = a : b : c$; e como se conhece $n + a : b : c = s$, pode calcular-se n, tirando de s o numero $a : b : c$, que tambem é conhecido.

AS NOSSAS GRAVURAS

A CASA DOS BICOS EM LISBOA

Esta raridade archeologica da capital, que tem feito o assombro de quantos estrangeiros nos visitam, foi construida em 1523, segundo se affirma, pelo filho natural de Affonso de Albu-

querque, Braz de Albuquerque, para honrar o grande capitão — depois de morto.

A casa representa, no estado actual, apenas um fragmento da construcção antiga; são armazens ao rez-do-chão e sobrelojas. Ainda em 1745 se falla, n'um auto de posse, de *casa nobre*, com loja por baixo, onde se vendem bebidas. O terremoto de 1755 reduzio-a á sua actual condição.

Segundo uma medição da casa, feita em 1756, tinha aquella de fundo 93 palmos. O predio compunha-se então de loja, sobreloja e dois andares. A metade superior, que hoje falta, foi talvez demolida por ameaçar ruina.

O dono e auctor da construcção fundou solidamente o edificio; de outro modo não resistiria elle ao terremoto, ao fogo e á invasão das ondas, porque todos estes elementos concorreram para a catastrophe de 1755.

Desfeita a casa de Braz de Albuquerque e divididos os bens por algumas familias que ainda hoje existem, o palacio dos Bicos ficou ao morgado Pedro de Mello. Em 1827 foi vendido, por execução da fazenda, ao negociante de bacalhau, Caetano Lopes da Silva, que depois a restituiu ao senhorio, visto o Estado não ter o direito de vender uma propriedade vinculada. Em 1860 era arrendatario da casa um filho d'aquelle negociante, que ali fez deposito de bacalhau.

O estylo da casa é do Renascimento, que triumpha entre nós entre 1530 e 1540, definitivamente. Os *bicos*, que tanto deram que fallar, são um motivo de ornamentação muito usado na architectura desde o seculo XII.

Os arcos das portas, ainda muito bem conservados, accusam a construcção polycentrica, vulgarissima no estylo *manuelino*

UMA PAIZAGEM DE VIZELLA

Difficilmente se encontrará coisa mais formosa do que os arrabaldes de Vizella. A aldeia, immunda, d'uma grande hediondez asquerosa, sente-se envergonhada no centro d'aquellas bellezas com que a natureza a rodeou.

A *Lameira*, o coração da aldeia, é uma pequena alameda, onde os banhistas espairecem n'uma grande promiscuidade nauseante de porcos, de gallinhas, de pobres premeditadamente andrajosos e chagados; mas as paizagens que circumdam este chiqueiro não d'uma belleza encantadora.

E' uma d'essas paizagens que a nossa gravura representa. No alto vê-se um lindo *chalet*, a dominar o rio Vizella, que em muitos logares se despenha em pequenas cataractas espumantes, e que em outros corre manso, com um sussurro meigo, por entre as suas margens viçosas.

A povoação propriamente dita é um aggregado de casas altas, enormes, construidas com pezadas massas d'um granito feio, internamente divididas a similhar penitenciarias.

O sr. D. Antonio da Costa no seu livro intitulado — *No Minho* —, descreve assim os arrabaldes de Vizella:

«Era nado o sol, quando, ao abrir a janella do meu quarto, sorri instinctivamente á formosura da pittoresca aldeia.

«Está situada n'uma baixa.

«Ao longe um semi-circulo de cordilheiras cinzentas compunha o fundo do quadro. A linha recortada no extremo horisonte variava airosamente. Parte d'esse fundo era de montes escalvados. Outra parte um grande pinheiral. Do pinheiral até á aldeia a vegetação mais luxuriante de que meus olhos tinham memoria. No intervallo desde os montes até Vizella, ponto central, monticulos formavam amphitheatros caprichosos, vestidos de verdura, afigurando alguns d'elles estarem suspensos no ar.

«Para a esquerda uma planicie sobranceira a outro amphitheatro apparecia-nos toda coberta d'arvores, cujo verde-escuro servindo de tecto campestre se destacava em lindo contraste da planicie verde-esmeralda, entremeando-se estes dois verdes de modo que nos offerecia um matiz d'effeito encantador. Do meio de toda essa verdura surgia a egreja parochial, branca de jaspe, tendo á direita uma planicie verdejante; á esquerda um quadrado de arvoredo, e casas de diversas côres matisando ora a planicie, ora os amphitheatros.

«A aldeia, apezar de situada n'uma baixa, fica sobranceira ao pittoresco rio e ás formosas margens que elle banha, de maneira que as ramarias marginaes, em grande abundancia, estendem-se como largas alcatifas. O rio meio encoberto com tanta vegetação, já saltando d'entre fragas, já serpeando por entre arvoredos, alarga os braços debaixo da ponte nova, o sitio mais pittoresco, e reflectindo ao longo d'elle os castanheiros, os carvalhos e os salgueiraes, offerece então aos olhos um limpido espelho e aos ouvidos um dôce queixume produzido pelo som melancolico das successivas quedas de agua que nos accordam a saudade.

«O que nos encanta sobretudo em Vizella não são destacadamente os montes, nem as planicies, nem as margens do rio espelhando-se nas aguas, nem as casas de côres meio escondidas nas ramagens, e como que a espreitarem-nos curiosas; o que nos encanta é a phantasiosa desharmonia de todos aquelles elementos campestres d'onde brota uma das mais formosas harmonias que podem deliciar o espirito.

«Assim como os milhões de rostos humanos formados de poucas feições são todos differentes, assim os quadros da natureza compostos de pouquissimos elementos diversificam até ao infinito e combinados em cada localidade representam uma impressão geral. Estou presentindo o leitor a pedir-me a impressão geral de Vizella. Aqui lh'a deixo como a estou sentindo. Vizella não é magestosa nem pensativa, é sobretudo formosa. E' uma linda creança a rir-se para nós, toda exuberando de vida, a pular, a palmear, a fazer-nos festas, e possuindo o dom mais sympathico d'este mundo ao coração humano: a preciosidade da meiguice.

«Não ha extensão, ha graça em toda aquella paysagem. A extensão, como na vista do Bussaco, parece tel-a creado a magestade: a graça, como na vista de Vizella, creou-a a phantasia. A primeira inspira-nos a grandeza, como o firmamento, o mar, o deserto; a segunda dá-nos a candura. A primeira faz pensar, elevando o espirito: a segunda encanta a alma, faz estar bem alli, lograr a felicidade entre sorrisos. Na primeira o espirito quer irromper o corpo a demandar mundos novos; a segunda parece dizer-nos que o nosso mundo se acha alli encerrado d'aquelles montes a dentro, e gosando n'aquelle encerro, de um tranquillo encanto que nos seduz. A primeira é a fascinação da mulher que sonhamos, a segunda é a amoravel mulher que estremecemos.»

UMA CAVALGADA

Só no paiz dos melhores jockeys do mundo é que ha cavalleiros d'aquella ordem. Divertem-se a seu modo. O ideal ali é cahir umas poucas de vezes, sem ficar com as ventas quebradas. Não teem geito para montar a cavallo, mas gostam immenso d'aquelle divertimento. Mettam-lhes lá na cabeça que não são bons cavalleiros, sim, quando voltarem para casa estafados, convençam-n'os, se forem capazes, de que não fizeram uma brilhante figura!

NAUFRAGIO DO «VILLE DU HAVRE»

Todos se lembram ainda, horrorisados, d'este espantoso naufragio que a nossa gravura representa.

O *Ville-du-Havre* foi a pique ás duas horas da madrugada da noite de 21 para o dia 22 de novembro de 1873, a 300 milhas das costas de França. Das 313 pessoas que iam a bordo, só escaparam 87.

A causa do horrivel sinistro foi um abalroamento com o navio inglez, de tres mastros, *Loch-Earn*, que tambem foi a pique, pouco depois de metter o *Ville-du-Havre* no fundo.

MOINHOS EM BARCOS

As machinas que teem por fim moer, esmagar, pulverisar qualquer substancia, são denominadas—moinhos.

Os moinhos datam da mais remota antiguidade. A' arte de moer os cereaes entre duas mós de pedra faz-se referencia no livro mais antigo que se conhece, a Biblia.

Ha moinhos de differentes qualidades: moinhos movidos a braços, a agua (azenhas), a vento e a vapor.

Dos moinhos movidos a agua ha, entre outras especies a dos moinhos em barcos.

A nossa estampa representa um moinho d'estes. A roda é movida pela corrente do rio. A construcção do resto do moinho differe pouco da dos outros. Leva-se o moinho para a beira do rio, quando as aguas são vivas e rapidas.

UM CONSELHO POR SEMANA

A tostadura do café é uma operação importante, que nem todos sabem fazer. O calor demasiado destroe o perfume d'aquella deliciosa bebida, dando-lhe um sabor empyreumatico e amargo.

Logo que o aroma se desenvolve e embalsama a atmosphera, deve dar-se por finda a tostadura. O café é depois exposto ao ar, para esfriar rapidamente.

De ordinario torra-se o café em cylindros de ferro. Aconselhamos que se não faça isto, porque o ferro communica-lhe um sabor de tinta, muito desagradavel.

A RIR

Entre dois hespanhoes:

—Onde vaes tu este anno passar a quadra balnear?

—A' villa X... que tem uma praia esplendida.

—E' saudavel?

—Tão saudavel, que, para ali inaugurarem ha dois annos um cemiterio, foi preciso assassinar um dos habitantes!

*

Um tabellião de certa comarca, no acto de fazer testamento a um saloio de uma aldeia proxima, perguntou-lhe:

—Quantos filhos tem?

—Cinco, senhor... e tres que morreram, oito.

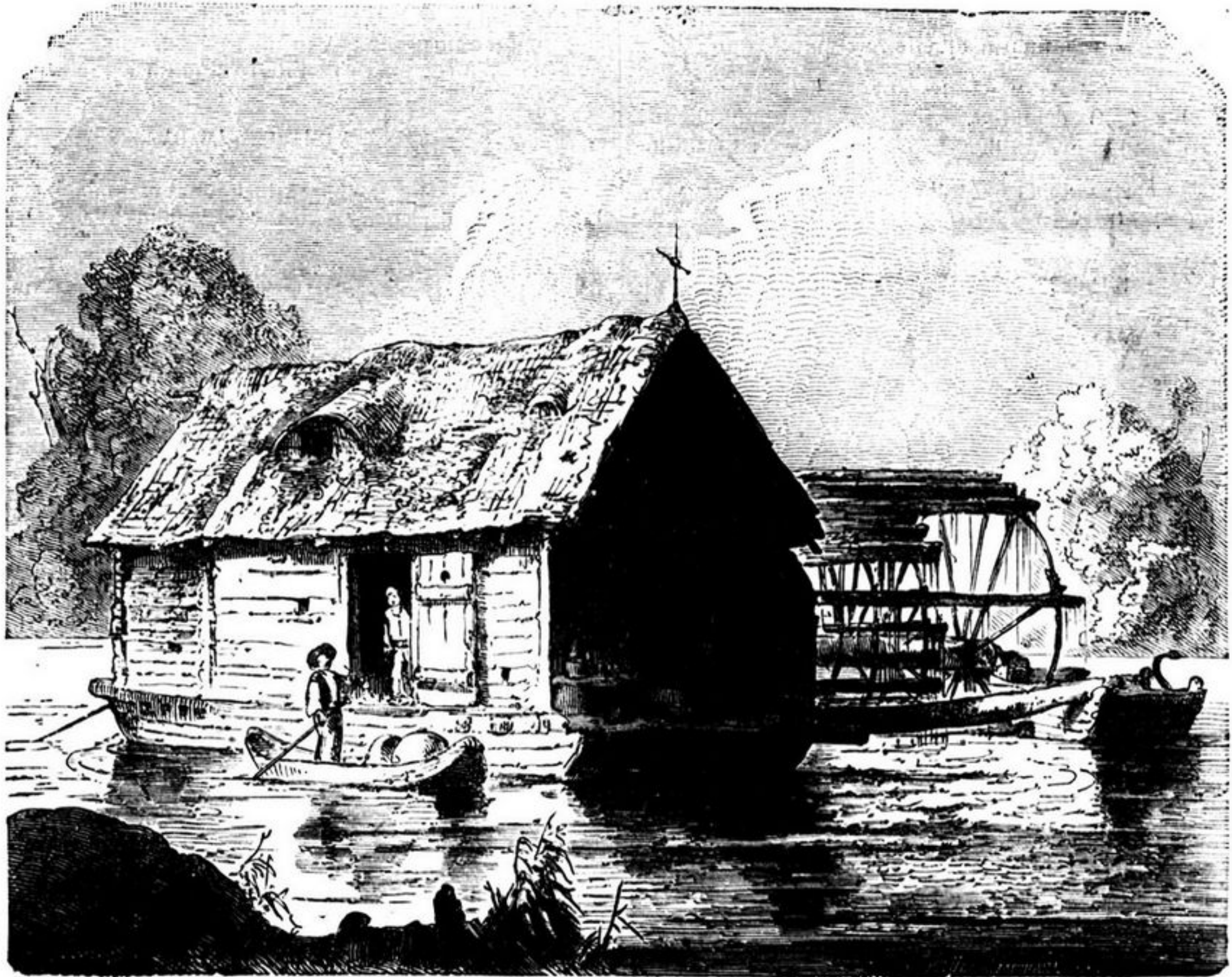
—Como se chamam os mortos?

—Cá na minha terra, senhor, chamam-se... defuntos!

UM CASAMENTO

Alvaro Soares e Carlos de Mendonça eram dois intimos, dois amigos inseparaveis, a quem ligava uma affeição sincera e profunda, confirmada pela identidade de caracteres e robustecida por uma convivencia de muitos annos.

As suas opiniões, os seus ideaes, as suas theorias, emfim, a sua maneira de vêr e de pensar ácerca de todas as coisas — politica, philosophia, litteratura, religião e artes — eram perfeitamente identicos, inteiramente harmonicos. Só um ponto havia em que não estavam de accôrdo. Alvaro, dotado de um temperamento excessivamente sentimental, e de um espirito devaneador e romantico, tinha uma decidida tendencia para o casamento, que idealisava como oasis verdejante no meio da aridez da vida celibataria, como meio seguro de alcançar a permanencia de uma felicidade tranquilla e doce. Para elle o casamento era um acto imprescindivel na vida de um homem serio, achava-lhe o duplo merito de dar ao amor a força de uma lei e á lei a doçura de um affecto.

Carlos pensava de modo diverso, e aos devaneios phantasis-

MOINHOS EM BARCOS

tas do seu amigo contrapunha as mais sabias e ponderosas rasões, que não logravam, comtudo, desconvenvel-o. Na opinião de Carlos o casamento só podia ser o paraizo que o seu amigo com tão deslumbrantes côres descrevia, quando o homem conseguissse encontrar uma mulher como as que os poetas descrevem, cheias de delicadeza, de abnegação e de extremos de sensibilidade e de carinho; e taes mulheres—dizia elle—ou não existem, ou se existem são tão raras que a muito poucos é dado aspirar á posse de um d'esses anjos de bondade e de amor.

As controversias entre os dois amigos amiudavam-se, sem que nenhum d'elles, por isso, modificasse as suas respectivas idéas sobre o assumpto em questão. Carlos persistia em fulminar o casamento com uma serie de argumentos implacaveis; Alvaro em defendel-o com todo o calor do seu enthusiasmo, em reptos de eloquencia dignos dos serodios epithalamios dos poetas da velha escola classica.

Correram assim os tempos.

Um dia o Alvaro entrou de chofre no gabinete do seu amigo, e sem mais preambulos, disse-lhe:

—Dou-te parte de que me vou casar. E' negocio decidido. D'aqui a tres semanas estarei ligado matrimonialmente á mais cantadora mulher que tenho visto, a primeira que em toda a minha vida conseguiu despertar em mim esse phrenesi tempestuoso a que se dá o nome de amor. Que dizes ao meu projecto?—accrescentou elle mudando de tom e pousando amigavelmente a mão no hombro de Carlos.

—Digo-te simplesmente que és um asno.

—Desculpo-te a invectiva e confesso-te que já a esperava, retorquiu o outro seccamente, um pouco formalisado, e arqueando os labios n'um sorriso desdenhoso. E depois de uma breve pausa accrescentou:

—Achas então que é asneira trocar esta vida banal e estupida que ambos nós levamos, pelos confortos da familia, pela carinhosa paz do lar, pelas alegrias abençoadas do amor honesto? Achas que é asneira ligar um homem o seu destino ao da mulher que lhe soube acordar no coração as sensações estranhas e dulcissimas de um amor apaixonado? Com franqueza, tenho pena de ti, e lamento sinceramente que um homem serio e illustrado como tu és se deixe obsecar por um preconceito estulto a ponto de soltar dos labios semelhantes absurdos, que são verdadeiras blasphemias.

(Continúa). MAGALHÃES FONSECA.

EXPEDIENTE

A 6.ª charada novissima do numero precedente deve lêr-se assim: — Em Aveiro é immenso este verbo—1—1.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA